

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**FUSÃO RITUALESCA: SIMULTANEIDADE DE RITUAIS DE AFLIÇÃO E DE
INICIAÇÃO ENTRE UM GRUPO DE MULHERES NA CIDADE DE MAPUTO**

Autora: Cláudia Patrícia dos Santos

Supervisor: dr. Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Setembro de 2013

FUSÃO RITUALESCA: SIMULTANEIDADE DE RITUAIS DE AFLIÇÃO E DE INICIAÇÃO ENTRE UM GRUPO DE MULHERES NA CIDADE DE MAPUTO

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa submetido no Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Autora

Cláudia Patrícia dos Santos

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Setembro de 2013

Declaração de originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Cláudia Patrícia dos Santos

Maputo, Setembro de 2013

A ti minha mãe, Catarina da Conceição Amiel, dedico este trabalho como um gesto de gratidão e de reconhecimento pela incansável companhia no meu trajecto académico.

Agradecimentos

Primeiro agradeço á vida que me foi generosa ao proporcionar saúde e por colocar no meu caminho todos aqueles que ajudaram-me e influenciaram por bem ou mal, nesta longa e difícil caminhada, rumo á licenciatura em Antropologia.

Á minha mãe a minha gratidão por todo o esforço, compreensão e abdicção muitas vezes do seu sossego, até ver-me chegar nesta fase dos meus estudos. Ao meu pai, o meu reconhecimento pela ajuda que me foi dada, quando pedida para a realização deste grau académico.

Á minha irmã Janyana, que muitas vezes teve a bondade de facilitar-me as impressões, o meu muito obrigada mana.

A todos os docentes que lecionaram-me durante o curso de Antropologia, eu agradeço o vosso profissionalismo, paciência e por terem influenciado de certa forma a “Patrícia” que vim a tornar.

Ao dr. Emídio Gune, supervisor, a minha admiração pelo docente que é e sua organização, pela atenção e paciência para a realização deste trabalho através de críticas e de reflexões que eram-me dadas, o meu muito obrigada e reconhecimento.

A todos os meus colegas foi um prazer ter feito este curso ao vosso lado, muito obrigada pela ajuda e amizade que me foi dada nas horas que precisei e de lazer. Ao Dilman, Cremildo, Amilcar, Mariza, Midalia, Hélder e Natalina, foi um máximo ter estado no nosso grupo de supervisionados pelo docente Gune.

Resumo

O presente relatório analisa a relação entre os rituais de iniciação e os rituais de aflição. Da sequência desses dois rituais, tem sido apresentado como algo que ocorre em momentos diferentes na vida de um indivíduo. Onde primeiro se realizaria os rituais de iniciação, para a passagem da categoria de criança a adulto e do inactivo ao activo sexual. Depois se realizava os rituais de aflição, para a resolução de desgraças ou de problemas que pode o adulto passar no percurso da sua vida.

Se por um lado a ordem sequênciada do ritual de iniciação e de aflição ajuda a compreender determinados contextos, torna-se inadequada para outros contextos. Neste caso um outro contexto, com base em dados que recolhi, que um grupo de mulheres procura iniciar-se pelo facto de estarem aflitas, devido aos problemas que elas enfrentam com os seus maridos. O que permite este trabalho considerar como hipótese a possibilidade da ocorrência em simultâneo do ritual aflição e de iniciação.

Palavras-chaves: rituais; rituais de aflição; rituais de iniciação.

Índice

Declaração de originalidade.....	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
1. Introdução.....	1
2. Revisão de Literatura.....	3
3. Conceptualização.....	7
4. Método e Técnicas de Recolha de Dados.....	8
5. Enquadramento Teórico.....	9
6. Simultaneidade de rituais de aflição e de iniciação.....	10
6.1. Os momentos de aflição.....	10
6.2. Estruturação do ritual.....	11
6.3. Os três aspectos nos quais as mulheres são iniciadas.....	12
6.3.1. <i>Iniciação da forma de cuidar de si e do relacionamento entre parceiros</i>	12
6.3.2. <i>Iniciação da forma do relacionamento com os parentes e outras pessoas próximas</i>	14
6.3.3. <i>Iniciação da forma de gestão doméstica</i>	16
7. Considerações Finais.....	18
Referências.....	19

1. Introdução

O ritual é um tema antigo, vasto, e um dos assuntos estudados pela antropologia. Como ritual é entendido um tipo específico de evento ou cerimónia, acompanhado de actos especiais, que está presente em qualquer sociedade. Este tem como finalidades, de proporcionar todas as mudanças na situação social de um indivíduo, a regulação de desordem e de acentuar o que é importante ou comum em um grupo.

Dentro dos vários rituais que a literatura diz existir há os de passagem. Os rituais de passagem também são muitos, cada um para seu momento e propósito no percurso da vida de um indivíduo ou grupo. Embora a realização de cada ritual tem sido defendida como algo que acontece por sua vez, de forma sequenciada, podem haver alturas em que dois rituais distintos se deem ao mesmo tempo.

Os dois rituais distintos a que me refiro é o de iniciação e o de aflição, ambos como rituais de passagem, com suas finalidades diferentes quando recorridos e realizados por quem neles participa. Sendo assim no trajecto da vida de um indivíduo em um primeiro momento se daria o ritual de iniciação e depois, muito mais tarde, se assim fosse preciso se daria o ritual de aflição (Turner, 1967).

Sendo assim a visão processualista de Victor Turner no que diz respeito a estes dois tipos de rituais de passagem afirma que em um primeiro momento se daria o ritual de iniciação, para a mudança da nova categoria homem/mulher, depois em um outro momento distinto se daria o ritual de aflição, para a resolução de problemas que podem acontecer na vida de um adulto. Se por um lado esta ordem sequenciada destes dois rituais de passagem pode ajudar a compreender determinados contextos, é inadequada para outros contextos.

Baseado em uma pesquisa etnográfica de carácter exploratório, realizei uma pesquisa entre um grupo de mulheres adultas que já mais haviam sido iniciadas a partir de um ritual de iniciação para poder, segundo Victor Turner, depois passar pelo ritual de aflição. O que permite neste trabalho através da abordagem construtivista apresentar como hipótese a possibilidade de dois

rituais distintos se darem ao mesmo tempo, se assim for necessário no percurso de um indivíduo ou grupo.

A simultaneidade do ritual de aflição e de iniciação feita pelo grupo de mulheres adultas foi possível devido a estas estarem aflitas, por causa dos problemas que estavam a passar em suas vidas de adultas, e daí quererem ser iniciadas.

A sequência até então defendida por Victor Turner que de só se realizaria o ritual de iniciação antes do de aflição, passa a ter a possibilidade de uma outra ordem entre estes dois rituais. Passa a considerar a possibilidade de um adulto quando aflito por problemas ser iniciado.

O grupo de mulheres observado estaria a passar pelo ritual de aflição, por estarem aflitas em suas vidas de adultas. Mas como era a primeira vez a serem iniciadas, por um ritual de iniciação, estariam ao mesmo tempo a passar pelo ritual de iniciação. O que faz com que o ritual de aflição ocorra em simultâneo ao ritual de iniciação.

Este trabalho se encontrará dividido em seis partes: (1) a revisão da literatura, em a vida de um indivíduo, os rituais de iniciação e os rituais de aflição; (2) a conceptualização; (3) os métodos, técnicas e a delimitação da pesquisa; (4) enquadramento teórico; (5) argumentação e evidências através dos dados de campo; (6) conclusão.

2. Revisão de Literatura

A Vida de Um Indivíduo

A vida individual de qualquer tipo de sociedade consiste em passar sucessivamente de uma situação para uma outra nova situação (Van Gennep, 1969). Para cada situação na vida de um indivíduo há rituais designados para marcar a transição de uma fase ou ocupação, como se em fossem passos separados e sequenciados (Van Gennep, 1960; Turner 1967). Cada passo, ritual, é dado em seu momento e com as cerimónias que permitem a um indivíduo passar da então situação determinada a uma outra nova situação, igualmente determinada.

A mudança de idade ou de ocupação têm de ser reguladas e vigiadas (Van Gennep, 1969), para que a ruptura da passada á nova situação não crie conflitos¹ na sociedade em geral (Cabral, 2000). Uma sociedade entraria em conflitos por causa de desordem de quando um indivíduo passa de um *status* para o outro, ao ter de abandonar a sua posição anterior para uma nova. Este indivíduo numa passagem temporária, durante o período liminar, será ensinado o novo papel e personagem a ser incorporado para ser desempenhado no retorno ao seio da sua sociedade (Cabral, 2000).

O ritual de passagem, tanto para Gluckman como para Turner (Cabral, 2000), serve como um meio de diferenciação entre os papéis sociais na sociedade e para a manutenção da ordem social. Como qualquer outro ritual têm a sua importância (Peirano, 2006) por ser um evento que amplia, acentua e sublinha o que é de comum em uma sociedade ou grupo.

Para que um ritual seja assim considerado, conforme Peirano (2006), terá de ter algumas características. O mesmo também é válido para o ritual de passagem. As características vão deste uma ordem que os estrutura a um sentido de acontecimento e propósito colectivo, com a sua eficácia e uma percepção de ser um evento diferente, específico e com as visões do mundo do grupo que o realiza.

¹ A mesma noção de conflitos é partilhada por Gluckman e por Turner.

Por fim assim como o ritual tem as suas características, os indivíduos ou entidades que nele o participam também têm de possuir as suas próprias características. Por um lado um ritual teria os neófitos², o que Turner chama de *communítas*, que seriam de forma simbólica os invisíveis, mortos ou no útero. Esses seres ambíguos são sem hierarquia e igualitários, para além de não possuírem nada: estatuto, propriedade e relações de parentesco. A sociedade ainda os considera como na anti estrutura social ou os não estruturados, devido a sua condição de pessoas em passagem e em liminaridade (Turner, 1974).

Por outro lado existe o grupo de entidades com a autoridade geral, os anciões dos rituais, que estão na estrutura, com *status* e hierarquia que submetem os neófitos. (Turner, 1974).

Os Rituais de Iniciação

Sobre o discurso do ritual de iniciação segundo Junod (1974) chegada a puberdade as raparigas têm de passar pelos costumes relativos à nubilidadade. Esse momento seria quando a rapariga pensa que as primeiras regras estão próximas e ao estar a rapariga na povoação da mãe adoptiva (escolhida) começa o período de margem, que iria durar um mês.

Entretanto três ou quatro raparigas seriam iniciadas em conjunto³ e viveriam fechadas numa palhota, saindo para lugares próprios e acompanhadas por raparigas ou mulheres iniciadas. Uma vez separadas do seu cotidiano seriam ensinados segredos do sexo, depois viria a agregação das raparigas ao cotidiano, á sociedade, já adultas e daí a passagem da vida assexuada á vida sexuada (Junod, 1974).

Este tipo de ritual de passagem para ser considerado como uma iniciação de raparigas terá de ter algumas características, que são defendidas por Junod (1974) e também são mencionadas por Van Gennep e Victor Turner. As características da iniciação de raparigas seriam: o isolamento

² Entidades liminares.

³ Junod (1974) ao defender a iniciação das raparigas em conjunto entrará em divergência, mais adiante, com a posição de Turner (1967) ao mencionar a iniciação individual das raparigas.

(separação), lugar e cabana especial, o ser novato e não ter estatuto, ser humilde perante as iniciadas e o regresso (agregação) ao meio novo.

Embora o ritual de iniciação de raparigas tenha o mesmo conjunto de características ele varia de acordo com cada sociedade que irá ditar o momento de realização. Os critérios que fazem acontecer este ritual dependeriam da puberdade fisiológica ou da puberdade social. Estes dois tipos de puberdades ou sinais são coisas diferentes e só em raras ocasiões é que podem convergir (Van Gennep, 1969).

Para se dar a manifestação da puberdade fisiológica (Van Gennep, 1969) o momento teria de estar ligado a aspectos biológicos. No caso das meninas se manifestaria pelo enchimento dos seios, enchimento da zona pélvica, o aparecimento dos pelos na zona púbica e sobre tudo o primeiro fluxo menstrual. Seria o então considerado momento de passo da infância à puberdade.

Quanto ao momento da manifestação da puberdade social (Van Gennep, 1969) este estaria relacionado com aspectos sociais/contexto, que aconteceriam de modo diferente embora tenha algum ou outro aspecto que se explicam pelo fisiológico. Um desses aspectos é quando a puberdade só tem importância segunda a capacidade de conceber. Fora os aspectos que se explicam pelo fisiológico em alguns contextos a puberdade social pode ser anterior há puberdade fisiológica e vice-versa.

Este ritual de passagem assume o nome de “iniciação” devido ao que dizem converter o menino/menina a homem/mulher a uma questão propriamente sexual. Logo este ritual pertenceria á separação do mundo assexuado, seguidos da agregação do mundo sexual e ao acto terminal das cerimônias de iniciação, que também pode estar associado a outros ritos sexuais (Junod, 1974; Van Gennep, 1969).

A situação de mudança a pouco mencionada é vigiada e regulada a partir do ritual de iniciação para suprir as lesões e desconfortos que a sociedade em geral pode sofrer. Lesões e desconfortos que Turner (1967) chamou de crise de vida. O ritual de crise de vida seria o importante ponto físico e social no desenvolvimento de um indivíduo (nascimento, puberdade e morte), que estaria

centrado no seu individual e na relação com as outras pessoas, conectadas a essas mudanças (Turner, 1967).

O ritual de crise de vida analisado por Turner (1967) toma a forma e finalidade diferentes das do ritual de iniciação analisadas por Junod (1974). A diferença estava no facto de para Turner (1967) a iniciação ser na vila da menina, individual e com a finalidade do preparo do casamento. Contudo, mesmo com algumas divergências sobre a forma e finalidade do ritual de iniciação ou de crise de vida, os três autores até agora mencionados concordam que a iniciação das meninas está ligada ao ritual de puberdade e cultos de fertilidade. Logo este tipo de ritual de passagem seria comum e automático, onde o sexo e a maternidade seriam os valores sublinhados nestes rituais para as meninas (Turner, 1967).

Os Rituais de Aflição

O conceito ritos de aflição deriva de Victor Turner e têm como objectivo solucionar problemas relativos as mulheres e aos homens (Peirano, 2003). O que levaria uma mulher ao encontro do ritual de aflição seria o zelo de ter melhor sorte, devido à acção dos espíritos mortos que causariam várias desgraças e problemas de reprodução ou de doença. Os espíritos mortos, “sombas”, seriam os parentes falecidos ou aquelas pessoas que desempenharam um papel de destaque na vida da pessoa a quem incomodam (Turner, 1967).

Para que pessoa seja “apanhada por um espírito” ela teria de cometer algumas negligências para com estes. As negligências podiam ser o esquecimento⁴, uma acção ou conduta desaprovada⁵ pelos espíritos mortos (Turner, 1967).

⁴ O esquecimento de mencionar os nomes dos espíritos enquanto se reza nas árvores plantadas como um santuário no centro das aldeias ou de fazer a oferta de cerveja e comida. Esquecer os mortos também seria um outro motivo de fúria por parte dos espíritos (Turner, 1967).

⁵ O causar problemas no grupo de parentes, ir embora da vila da pessoa que morreu para ir viver em um outro sítio ou desobedecer algum desejo expresso pela pessoa enquanto estava viva, podiam ser os motivos de uma conduta desaprovada pelos espíritos mortos. Ser escolhido para ser intermediário em rituais futuros que colocam os vivos em comunicação com os mortos e não cumprir, também pode ser considerado como uma conduta desaprovada (Turner, 1967).

3. Conceptualização

Ritual: Peirano (2006) afirma que os rituais são tipos de eventos especiais, mais formalizados e que possuem uma certa ordem que os estrutura. Têm como sentido de acontecimento e propósito coletivo, com a sua eficácia e a percepção de que são eventos diferentes, com as suas finalidades. Os rituais seriam e tornam-se uma “escola”, um treino e não separam-se de outros comportamentos de forma absoluta. Simplesmente repetem, enfatizam, exageram ou acentuam o que é de comum em uma sociedade ou grupo.

Rituais de iniciação: Para Victor Turner uma das cerimónias que faz parte dos rituais de crise de vida seria a iniciação (Turner, 1967, p. 7). Onde os meninos e meninas seriam submetidos a tais cerimónias de forma e finalidades diferentes nos dois casos.

Como neste trabalho abordo a iniciação feminina irei mencionar somente os pontos principais desta iniciação. A iniciação das meninas seria na sua vila e individualmente, ao chegar a puberdade e com o objectivo de as preparar para o casamento, sexo e maternidade (Turner, 1967, p. 8). Ainda nesta cerimónia de iniciação se daria o ritual de puberdade, que consiste em fazer a mulher passar pelos cultos de fertilidade ou pela actividade reprodutiva, e o valor de respeito pelos mais velhos.

Turner (1967) conclui a sua posição sobre as cerimónias de iniciação como comuns e automáticos na vida de um indivíduo. Porque ao chegar o início da puberdade os meninos/as têm de se submeter as tais cerimónias, devido as mudanças que iram ocorrer individualmente e na nova relação com as outras pessoas.

Entretanto uma vez iniciados e ocorrida a nova ocupação de adultos, na vida social, o decorrer do cotidiano prossegue.

Rituais de aflição: Se enquanto adultos surgir problemas e desgraças em suas vidas, ir ao encontro do ritual de aflição seria a solução. O ritual de aflição iria resolver os problemas relativos as mulheres e aos homens (Peirano, 2003).

Este ritual de passagem conforme Turner (1967) seria individual e não automático. Porque o que levaria um adulto ao encontro do ritual de aflição seria a procura de melhor sorte, devido à ira dos espíritos mortos que causariam várias desgraças e problemas em suas vidas.

4. Método e Técnicas de Recolha de Dados

Pelas limitações da visão processualista de Victor Turner no que diz respeito a estes dois tipos de rituais de passagem apresentadas através da literatura consultada, efectuei uma pesquisa etnográfica junto a um grupo de mulheres que participou de um ritual. Cheguei a este ritual através de uma amiga que o soube a partir de um correio electrónico, que circulou no seu serviço.

Como local de observação o ritual decorreu em um dos quartos da casa de uma das iniciandas, no bairro da *Malhangalene*, na cidade de Maputo. Quanto ao período de observação este foi efectuado durante dois meses e quatro dias.

A observação participante fora uma das técnicas de pesquisa usadas, onde eu como pesquisadora pude participar em todas as seções do ritual, como umas das iniciandas. Participar do ritual como uma das iniciandas permitiu a interação e a aceitação por parte das outras iniciandas.

O facto de ser sido aceite e vista como uma das iniciandas facilitou a relação dialógica (Cardoso, 2006) com as outras mulheres a serem iniciadas e daí ficar a par das suas histórias de vida (Bourdieu, 1996). Ao ter o acesso das histórias de vida das iniciandas foi-me permitido saber quais as suas características⁶, suas aflições e aspirações que levaram ao encontro deste ritual. Também foi-me permitido saber que a recomendação das suas amigas, que já haviam passado pelo mesmo ritual devido a problemas que enfrentavam, é que as levou a participar do ritual.

⁶ Como características este grupo de mulheres apresentava serem donas de casa, esposas e com filhos, seus empregos e outras eram namoradas. As quatro mulheres que faziam parte do grupo referido nunca haviam sido iniciadas a partir de um ritual.

Uma outra técnica usada durante o trabalho fora a recolha indirecta de informação (Malinowski, 1974) durante o decorrer da ritual. Com o propósito de tentar observar reações espontâneas e comentários soltos, tanto das mestres como das iniciandas, feitos durante o ritual.

As entrevistas semiestruturadas serviram como um roteiro das perguntas a serem efectuadas às iniciandas e às anciãs. As perguntas foram feitas em forma de questões abertas e em conversas informais durante o ritual, o que ajudou na elaboração da minha etnografia.

A língua portuguesa foi a linguagem a ser usada, que tanto as iniciandas como as anciãs aparentavam ter o domínio, visto que os dois grupos eram da cidade Maputo e seus arredores, para além de viverem, terem estudado e trabalharem na mesma.

5. Enquadramento Teórico

O construtivismo parece adequado para explicar o motivo da construção deste ritual, que faz com que o rito de aflição aconteça ao mesmo tempo que o de iniciação. Segundo o construtivismo dependendo do contexto social e dos objectivos dos sujeitos o objecto será construído e transformado conforme as aplicações na sociedade. Os objectivos dos sujeitos irão apontar quais são as intenções, valores, interesses e razões para a transformação do objecto, conforme certos grupos ou indivíduos (Ernest, 1998).

As acções das pessoas, individual e no contexto, ditam os significados e quais os propósitos em suas actividades. São as suas experiências passadas, necessidades e interesses que para apreendem o conhecimento (Ernest, 1998).

A abordagem construtivista permite explicar e interpretar o mundo em que vivemos e sua forma de o ver. Para esta posição nada está pronto, acabado e pode ser dado como algo terminado. O sujeito primeiro age sobre o objecto e o assimila, depois constrói e o transforma a partir da interação e de suas relações sociais (Becker, 2009).

Com a abordagem a cima adoptada e com os dados, que irei em seguida apresentar, posso contestar a ordem sequenciada de Turner e afirmar que existe um grupo mulheres que já passaram da puberdade, são adultas e já mais foram iniciadas a partir de um ritual. Em um dado momento estas mulheres estão com problemas e as suas amigas indicam o ritual como solução. Dai que estas mulheres estão a fazer o ritual de aflição, porque estão aflitas com os seus problemas, mas como é a primeira vez a serem iniciadas é também de iniciação. O que resulta na simultaneidade dos rituais de aflição e de iniciação.

6. Simultaniedade de rituais de aflição e de iniciação

6.1. Os momentos de aflição

Existe um grupo de mulheres, as iniciandas, que deseja passar pelos ritos de iniciação para aprenderem alguns conhecimentos e competências, para a resolução das crises que vivem nas suas vidas e relacionamentos. Conforme os relatos das iniciandas, há algumas aflições que levam-nas a participar no ritual de iniciação, como remédio ou solução dos seus problemas que são: (1) como saber satisfazer sexualmente o seu companheiro; (2) rivalidade entre as sogras; (3) manter o marido dentro de casa; (4) querer ser recompensada por ser a esposa ou a namorada.

O saber satisfazer sexualmente o companheiro pareceu ser uma das maiores preocupações das iniciandas. No primeiro dia do evento, a primeira preocupação e curiosidade era se como “agarrar o homem” ia ser ensinado. Para estas mulheres a serem iniciadas o facto de saber como satisfazer o seu homem permitia competir com as outras mulheres de fora do seu relacionamento e estar em vantagem.

O facto de saber técnicas corporais para a satisfação masculina para além de ser uma estratégia, trazia o prestígio de ser reconhecida como “a melhor” em relação às outras mulheres. Uma vez o companheiro satisfeito sexualmente não haveria motivos para procurar e nem se satisfazer com outras mulheres.

A sogra de acordo com os relatos do grupo a ser iniciado é uma figura importante e com influência sobre o companheiro. Estar em conflito com a sogra significava o mesmo que

oposição e podia gerar problemas entre o relacionamento. Os problemas podiam surgir por comportamentos, gestos e respostas que não agradavam a mãe do companheiro, o que leva a penalização. A penalização podia ser através da inimizade ou até mesmo dado a conhecer ao homem.

O saber manter o marido dentro de casa era uma das outras preocupações deste grupo de mulheres a ser iniciado. A preocupadas da sexta-ferial o “dia dos homens” era evidente por ser o dia propício para sair com os amigos e regressar tarde à casa. Saber manter os seus maridos e se possível os seus amigos dentro de casa, para estas mulheres, era importante para que não houvesse ambiente de conhecer e ter envolvimento com outras mulheres.

Por ser uma boa esposa ou companheira, que sabe como satisfazer sexualmente o seu homem e que não entra em conflitos tanto com ele como as outras pessoas á volta, para estas mulheres devia ser reconhecido recompensado através de gestos e prendas que lhes agradassem. Os gestos ou prendas, conforme estas mulheres, podiam ser viagens, a roupa “da moda” ou um carro novo.

6.2. Estruturação do ritual

Nesta parte do trabalho pretendo explicar que o ritual por mim observado estava organizado em dois grupos. Onde por um lado havia o grupo das iniciandas composto por quatro mulheres e por outro, o das mestras igualmente composto por outras quatro mulheres.

O grupo das iniciandas se sentava no chão e em cima de uma esteira, com uma *capulana* amarrada a volta da cintura e de pés esticados. Estas não tinham autonomia sobre os assuntos a serem tratados durante as seções e cabia receberem ordens das anciãs, para além de ficarem atentas ao que era ensinado e ter de reproduzir para serem avaliadas. As dúvidas ou pedido de conselhos podiam ser apresentadas mas no fim da seção. Esta forma de estar durante o ritual colocava as iniciandas em uma posição hierárquica de nível baixo, em relação às anciãs.

As iniciandas entre o seu grupo se tratavam de igual para igual, independentemente da idade, anos de casamento, posição social e profissional.

O grupo das mestras se sentavam nas cadeiras, tinham a palavra e lhes cabia fazer a introdução de cada assunto a ser tratado nas seções. Depois de apresentar o tema a ser tratado na seção as anciãs procuram saber se era do conhecido iniciandas. Por fim, cabia-lhes explicar, demonstrar ou dar exemplos, tirar as dúvidas e avaliar o desempenho das iniciandas.

Sendo assim, o ser anciã ou inicianda é que ditava a diferença entre estes dois grupos. A diferença destes dois grupos e o modo de estar durante as seções condicionava a hierarquia do nível alto para as anciãs e do nível baixo para as iniciandas.

6.3. Os três aspectos nos quais as mulheres são iniciadas

Nesta secção do trabalho pretendo argumentar através de dados etnográficos que existe o contacto entre os diferentes grupos hierárquicos para que haja a transformação das iniciandas a nível sexual, social e de gestão doméstica. A iniciação será feita ao longo de três aspectos ou assuntos interligados entre si, com a finalidade de as iniciandas virem a desempenhar novas regras e papeis para a boa gestão, convívio e harmonia em seus relacionamentos. Esse bom convívio teria de ser obtido com o marido, com a família deste e com os outros ao seu redor.

Os três aspectos a que este grupo de mulheres adultas ia ser iniciado acabariam por coincidir com o ideal de mulher (o que representa), segundo as anciãs.

6.3.1. Iniciação da forma de cuidar de si e do relacionamento entre parceiros

Neste campo primeiro se aprende como uma mulher, deve tratar da sua higiene. As anciãs diziam ser muito importante uma mulher saber cuidar de si e que as diferentes partes do corpo tinham uma ordem para se lavar.

A mulher primeiro tinha de se lavar da cabeça aos pés, deixando por último a parte íntima. A parte íntima também tinha a sua forma de lavar. A forma correcta de se lavar a parte íntima era a

de não usar os dedos para se limpar dentro. As mestres ainda diziam que uma mulher devia de estar sempre limpa e “pronta”, pois segundo uma das instrutoras:

“Não sabemos quando somos convidadas...”

Depois de ter sido ensinado como se devia tratar a higiene da mulher as anciãs também falaram dos cuidados a ser ter com a higiene do homem. Segundo as instrutoras a mulher devia de prestar atenção os pelos deste, às suas unhas e à bacia de água morna no “termos” com as “toalhinhas” ao lado da cama para quando depois do acto sexual e do coito do homem a mulher o limpar.

Ainda neste aspecto foi ensinado quais os movimentos que a mulher e o homem deviam de desempenhar durante o acto sexual. Sendo assim, cabia à mulher com o seu corpo o “exercício de moer”⁷ e ao mesmo tempo se devia de fazer a “cama de espinhos”⁸. Feita a posição da “cama de espinhos” e o “exercício de moer” um enorme prazer sexual seria proporcionada ao homem, conforme o ensinamento das anciãs.

Quanto ao homem nas palavras das anciãs durante o acto sexual lhes cabia “pilar”⁹. Para as anciãs a mulher não podia “pilar”, porque esse movimento só cabia ao homem fazer, e uma mulher não “pilava” durante o acto sexual porque não era homem. Ao homem também não lhe cabia fazer o “exercício de moer” juntamente com a “cama de espinhos” porque não era mulher.

Esta seção foi sublinhada como importante porque a mulher ao mostrar ao homem que sabia quais os movimentos que lhe cabiam estaria em vantagem em relação as outras mulheres fora do relacionamento. Mostrar tal conhecimento ao homem era uma prova de saber o que era “ser mulher” durante o acto sexual.

⁷ Exercício porque convinha que a mulher antes de o fazer no acto sexual devia de o praticar, posicionada de joelhos no chão a imaginar como se tivesse em cima de um homem a moer os alimentos. O moer para as mestres era o movimento circular de 360 graus, que tinha de ser feito com a cintura da mulher. Dai, ao praticar o exercício de moer a mulher teria a habilidade necessária para satisfazer o seu parceiro durante o acto sexual.

⁸ Chama-se cama de espinhos porque foi ensinado as mulheres que ao estarem deitadas em cima da cama, de barriga para cima, têm de imaginar espinhos espetados para a sua bacia (corpo). Se a mulher imaginar que tem espinhos virados para si mesma, uma solução iria arranjar para não se magoar. A solução para não se magoar seria a de levantar a bacia, que é onde estão os espinhos espetados, mas com as costas deitadas na cama como apoio e para não se cansar.

⁹ O pilar que as mestras se referiam, era o pilar do esmagar os alimentos, para mais se cozinhar e fazer a refeição. Pilar os alimentos é feito pelas mulheres, nas suas lidas domésticas. A mulher para pilar os alimentos tem de ficar de pé, segurar um pau de forma cilíndrica e fazer os movimentos de baixo para cima, até os alimentos estarem bem esmagados.

Para terminar esta subsecção foi ensinado o que significava e o que a mulher devia de esperar ser no casamento. Sobre o casamento foi ensinado que o homem e a mulher não estavam sozinhos, pois existia a família, amigos, vizinhos e todas as outras pessoas a volta. A harmonia do casamento de acordo com as anciãs dependia da mulher, porque o homem havia passado o maior tempo da sua vida sobre a atenção e cuidados da sua mãe ou irmãs.

Por o homem ser visto como “o bebé” e o “menino” que sempre viveu sobre cuidados e carinho, a mulher tinha de saber como cuidar e o abordar. Para as instrutoras a mulher no casamento era vista como:

“Somos gestoras dos conflitos, somos mães.”

6.3.2. Iniciação da forma do relacionamento com os parentes e outras pessoas próximas

Sobre este assunto é ensinado como se deve usar a *capulana*, os seus provérbios associados e suas regras. As outras duas peças da *capulana*, para que servem e como as usar, também foram abordadas.

Associada a esta subsecção igualmente foi ensinado como deve a mulher se relacionar com os parentes do homem, amigos e outras pessoas próximas ao relacionamento. Por último foi aconselhado a quem deve a mulher pedir ajuda.

Sobre o uso da *capulana*¹⁰ é aprendido no ritual que em cada zona de Moçambique há uma forma de a amarrar. No sul de Moçambique a *capulana* deve ser amarrada à volta da cintura da mulher com um nó ou com a dobra de uma das pontas do tecido, virada para dentro da *capulana*, na cintura.

Como provérbio da *capulana*, foi dito por uma das anciãs:

¹⁰ Tecido de um metro e vinte e oito polegadas, com variados padrões e cores. O padrão quadriculado é usado para cerimônias fúnebres e outras importantes.

“Uma mulher que capulana não esta segura, não é segura no lar.”

Quanto às regras da *capulana* foi ensinado durante o ritual:

“Nunca amarrar capulana só com calcinha. Só em casa com o parceiro... Nunca fora e entre os outros.”

“ Se amarrar de uma lado, voltar a por de novo desse lado.”

“Quando se amarra a capulana, é preciso ver a posição do desenho.”

As outras duas peças que fazem parte do jogo da *capulana* e que podem ser comprados na mesma loja são o *mucumi*¹¹ e o *wemba*¹². O *mucumi* primeiro se enrola a volta do corpo e com um tecido se o prende, como um cinto, para não cair. A renda cozida a linha no *mucumi* tem de na posição vertical, ficar da cintura até aos pés, mas de atrás. O *wemba* de cair sobre um dos ombros, a uma parte cai de frente e outra parte cai para atrás do ombro. Esta peça de preferência se deve usar com uma camisa branca e lisa.

A *capulana* foi mencionada como “a minha amiga”, porque servia para quase todas as ocasiões e devia de estar guardada na bolsa da mulher para qualquer eventualidade. Uma *capulana* podia servir para tapar o filho, para acompanhar as amigas ao casamento e para quando a mulher entra na casa da mãe do seu marido.

As outras ocasiões inesperadas em que podia ser útil a *capulana* seria o aparecimento repentino do período ou a ida a um falecimento.

Sobre com a mulher deve-se relacionar com os parentes do homem, amigos e outras pessoas próximas ao relacionamento, as anciãs ensinaram que a mulher ao se saber comportar perante

¹¹ Resultado da junção de três a quatro peça de *capulana* de um metro e meio, com uma renda de cor branca que serve para juntar as peças ao se cozer. Este conjunto de tecidos é dito como um tesouro para ser colecionado e estimado.

¹² Uma outra peça de *capulana* que serve para cair sobre os ombros.

estas pessoas não irá entrar em conflitos. Para isso a mulher devia de ser calma, paciente, pensar antes de usar as palavras e ouvir mais do que falar.

Sobre a calma que deve a mulher ter as instrutoras usaram o seguinte exemplo:

“Uma mulher não deve ferver com pouca água”.

Para a mulher não ter conflitos com a mãe do homem as mestres deram o exemplo de amarrar a *capulana* ao entrar na casa desta e um lenço na cabeça quando for para cozinhar, que seriam gestos de respeito para com a mãe do homem.

Por fim foi aprendido no ritual a quem deve a mulher pedir ajuda. Foram dados conselhos de que a mulher deve ter cuidado com os curandeiros, amigas e não pedir opinião as pessoas mais velhas com muitos problemas na sua vida conjugal. Uma mulher devia de primeiro analisar as pessoas a quem pedir ajuda.

Um outro conselho que foi dado pelas mestras era o de abordar a sogra assim que surgido um problema ou dúvida. A sogra também devia de ser consultada para quando fosse preciso dar algum medicamento aos filhos, porque não consultar a sogra para estas questões podia levar á desconfiança da prática de alguma feitiçaria por parte da mulher.

6.3.3. Iniciação da forma de gestão doméstica

O processo de gestão doméstica foi o último assunto a ser iniciado ao grupo de mulheres. A ideia central deste ensinamento era de que cabia á mulher saber como gerir o dinheiro que era dado pelo homem para as despesas de casa. Para as anciãs as prioridades de uma casa deveriam de ser as compras de alimentos e detergentes de limpeza, a pagamento das contas de água e luz e o valor do pão reservado a parte. Ainda na mesma gestão de finanças deveria de entrar a comprar de bebidas e petiscos que eram do seu agrado do homem.

O valor dado pelo homem tinha de ser gasto nas prioridades de uma casa e tal valor nunca deveria de ser “pedido de novo” antes do seu tempo. Para que fosse possível o valor dado suprir todas as necessidades de uma casa foi data a diga de saber quais eram os estabelecimentos comerciais mais baratos. Se a mulher fosse aos grandes armazéns e se ficasse atenta às promoções o valor dado para as despesas de casa iria chegar para todas as compras.

Essa gestão das finanças seria uma das grandes diferenças entre um homem e uma mulher. Porque segundo as mestras os homens faziam as compras nos sítios mais próximos ou cómodos, como por exemplo os supermercados.

Só depois da mulher cumprir com todas as prioridades a cima apontadas é que podiam do que resta-se comprar objectos decorativos para a casa ou o que lhes apetecesse.

7. Considerações Finais

A partir da pesquisa exploratória pude constatar que os rituais de aflição acontecem em simultâneo aos rituais de iniciação. Tal afirmação verifica-se a partir do grupo de mulheres adultas que já mais havia passado pelo ritual de iniciação e ao viverem problemas com os seus maridos e familiares buscam uma solução. Como solução recebem o conselho das suas amigas, que já foram aflitas e resolveram os seus problemas, de que devem frequentar um ritual.

Estas mulheres ao frequentarem o ritual serão iniciadas em três aspectos: o de relacionamento homem e mulher; o relacionamento com os familiares e outras pessoas próximas; gestão doméstica. Esses três aspectos serão a solução dos problemas que estas mulheres enfrentam, ao serem ensinados regras e conselhos sobre a higiene feminina e masculina, o uso apropriado da capulana e outras suas peças, técnicas corporais a serem desempenhadas durante o acto sexual, como não entrar em conflito com os familiares, amigos, vizinhos e por fim como gerir as finanças de uma casa.

Desta forma os meus dados permitem-me concluir que existe um grupo de mulheres que fazem o ritual de aflição porque estão aflitas com os seus problemas. Mas como é a primeira vez a serem iniciadas, passa a ser também um ritual de iniciação. O que resulta na simultaneidade dos rituais de aflição e de iniciação.

Estas foram as considerações finais de um projecto de pesquisa etnográfica de carácter exploratório, daí o meu reconhecimento de que existem outros assuntos que podem ser explorados e interessantes para futuras pesquisas. Como por exemplo o estudo de quais os motivos dos problemas sofridos e se dá-se a eficácia do ritual, visto que não pude ter a oportunidade de questionar ao grupo de mulheres se os seus conflitos foram resolvidos depois do ritual.

Referências

Becker, F. 2009. 'O que é construtivismo', in: *Desenvolvimento e aprendizagem sobre o enfoque da psicologia II*. UFRGS- PEAD.

Bourdieu, P. 1996. 'A Ilusão Biográfica', in: Amado, J. e Ferreira, M. M. *Usos e Abusos de História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Cardoso de Oliveira, R. 2006. 'Capítulo 1: o trabalho do antrólogo: olhar, ouvir, escrever', in: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, Pp. 17-36.

Ernest, P. 1998. *Social constructivism as a philosophy of mathematics*. Albarry, New York Suny Press. Acedido em 23 de Março, 2013. Disponível em <http://people.exeter.ac.uk/PErnest/>.

Junod, H. P. 1974. *Usos e Costumes dos Bantos: A Vida de Uma Tribo do Sul da África*. Tomo 1. (2ª Edição). Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.

Malinowski, B. 1974. 'Argonautas do pacífico Ocidental', in: *Ethnologia* 6 (8): 17-37.

Peirano, M. 2003. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 2006. *Temas ou Teorias? O Estatuto das Noções de Ritual e de Performance*. Brasília: Série Antropológica 398.

Pina Cabral, J. 2000. *A Difusão do Limiar: Margens, Hegemonias e Contradições*. Lisboa: *Análise Social*, vol. XXXIV (153). 865-892.

Turner, V. W. 1967. 'Introduction', in: *The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual*. New York: Cornell University Press, Pp. 1-15. Acedido em 13 de Outubro, 2012. Disponível em <http://books.google.co.mz/books?id=62bKQB5xEo0C&pg=PA359&lpg=PA359&dq=Ndembu+doctor+in+practice&source=bl&ots=OSy23L3YE2&sig=cyvps1qYGQ20Y->

[aLjt0zPUGc90&hl=pt-BR&sa=X&ei=eb6hULKfIYe80QXfgoGIDg&redir_esc=y#v=onepage&q=Ndembu%20doctor%20in%20practice&f=false](#).

_____. 1974 (1969). *O Processo Ritual: Estruturas e Antiestrutua*. Petro: Editora Vozes Ltda.

Van Gennep, A. 1969 (2008) *Os ritos de passagem*. Madrid: Alianza Editorial.